

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ - CERES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DO CERES - DHC
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DOS SERTÕES
CAMPUS DE CAICÓ

EVANUZIA MARIA DE LUCENA

**AS CRÔNICAS DE FLOR DE LIS (JOSÉ GURGEL) E SEUS ECOS DE MEMÓRIA
NO ESPAÇO URBANO DE CAICÓ (1926)**

CAICÓ-RN

2018

EVANUZIA MARIA DE LUCENA

**AS CRÔNICAS DE FLOR DE LIS (JOSÉ GURGEL) E SEUS ECOS DE MEMÓRIA
NO ESPAÇO URBANO DE CAICÓ (1926)**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História dos Sertões, como quesito final para a obtenção do Título de Especialista, do Departamento de História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Orientadora: Prof^a Dr^a Juciene Batista Félix Andrade

CAICÓ-RN

2018

EVANUZIA MARIA DE LUCENA

**AS CRÔNICAS DE FLOR DE LIS (JOSÉ GURGEL) E SEUS ECOS DE MEMÓRIA
NO ESPAÇO URBANO DE CAICÓ (1926)**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História dos Sertões, como requisito final para obtenção do Título de Especialista, do Departamento de História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, formada pela seguinte Comissão:

MONOGRAFIA APROVADA EM: ___/___/ 2018.

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Juciene Felix Batista Andrade - UFRN
Orientadora

Profº Dr. Helder Alexandre Medeiros de Macedo - UFRN
Avaliador

Profª Dra. Jailma Maria de Lima – UFRN
Avaliadora

À minha mãe, Margarida (*In memoriam*),
por tocar meu ser – de um jeito tão íntimo – com o gosto pelos estudos.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um sentimento que adoça a alma e o coração. Daí, a certeza de que o processo da caminhada foi validado em cada passo dado. Não por mérito apenas, mas, principalmente, pela oportunidade de valorizar as muitas mãos que compartilharam saberes, fazeres e prazeres, frustrações, lágrimas, abraços, apertos de mãos, conhecimentos, amizades... no percurso da estrada, em particular os meus colegas, hoje amigos e amigas;

Aos professores que tanto deixaram de si, descendo as escadas da humildade para nos elevar aos pedestais do saber com o objetivo de dividirem conosco seus conhecimentos, em especial, à Professora Juciene pela paciência e orientações tão significativas e necessárias ao aprofundamento e amplitude desse estudo;

Aos Professores que também nos auxiliaram nesse crescimento: Professora Marlucia, quando me aceitou como aluna especial na Base de Pesquisa de História da Educação; Olivia Neta, quando me indicou sugestões de pesquisa; e, ao Professor Joel, que sempre esteve à disposição na colaboração do meu crescimento como estudante e pesquisadora;

À Suelena Gurgel, neta de seu José Gurgel, que teve todo o carinho e atenção em me ceder a Biografia sobre seu avô, realizada no seu Trabalho Final de Especialista em Educação;

À minha família (irmãos, irmãs, sobrinhos, sobrinhas, e todos que se achegaram, inclusive os agregados), pois são o que tenho de mais precioso;

Ao meu filho – Daniel – que me fez e me faz sonhar olhando as estrelas sem, no entanto, tirar os pés da terra;

E a Deus, por me fazer crer que sou uma “peça única e original em suas mãos, a despeito das minhas rachaduras”.

RESUMO

Este trabalho visa realizar uma análise qualitativa das crônicas escritas por José Gurgel de Araújo – Zezinho Gurgel, no Jornal das Moças (1926), no Sertão de Caicó. O assinante usava o pseudônimo de “Flor de Lis”, e suas narrativas se apresentavam sob o título “A Nota”. Neste sentido, busca-se perceber o conteúdo de suas narrativas para compreender o lugar da fala do narrador, a que e a quem serviam, bem como, que retratos de lugar e de tempo eram descritos pelo autor. Para compreender o uso do jornal como fonte de pesquisa, utilizamos as discussões conceituais acerca das crônicas e de suas narrativas. A metodologia utilizada parte da análise qualitativa de conteúdo, envolvendo um conjunto de técnicas visando à busca pelos diversos sentidos do documento. Já para a compreensão acerca do espaço de produção, os estudos acontecem a partir das leituras nas quais o município de Caicó se apresenta com sua população ainda concentrada no meio rural, com produção voltada para a agricultura e animais, emergindo daí os coronéis e as grandes oligarquias do poder político local e regional. Nesse contexto, tornou-se possível adentrar as discussões acerca de Sertão, cujas compreensões perpassam a questão dual entre litoral e interior, geográfico e econômico, considerando que haviam seres humanos capazes de atitudes generosas e hospitaleiras, inferindo-se a ideia de um Sertão múltiplo e diverso, um espaço na presença de pessoas, com o qual é possível se estabelecer uma relação de afeição e pertencimento, constituindo-se para tal um sentido de valor, o que emerge uma concepção de lugar. Neste sentido, as crônicas do Flor de Liz, ecoaram ali como instrumento pedagógico e registro do espaço citadino e dos modos de vida daquelas pessoas, guardando memórias que certamente seriam guardadas e lembradas num tempo futuro.

Palavras-chave: José Gurgel de Araújo. Jornal das Moças. Sertão. Caicó. Memória.

ABSTRACT

This work aims to perform a qualitative analysis of the chronicles written by José Gurgel de Araújo – Zezinho Gurgel, in the *Jornal das Moças* (1926), in the Sertão de Caicó. The subscriber used the pseudonym "Flor de Liz", and their narratives were presented under the title "The Note". In this sense, it is sought to perceive the content of their narratives to understand the place of the narrator's speech, to whom and to whom they served, as well as what portraits of place and time were described by the author. To understand the use of the newspaper as a source of research, we use the conceptual discussions about the chronicles and their narratives. The methodology used is part of the qualitative analysis of content, involving a set of techniques aiming at the search of the different senses of the document. On the other hand, the understanding of the production space, the studies take place from the readings in which the municipality of Caicó presents itself with its population still concentrated in the rural environment, with production turned to agriculture and animals, emerging from there the colonels and the great oligarchies of local and regional political power. In this context, it became possible to enter into the discussions about Sertão, whose understandings pervade the dual issue between coastal and interior, geographic and economic, considering that there were human beings capable of attitudes and generous and hospitable, inferring the idea of a Sertão multiple and diverse, a space in the presence of people, with which it is possible to establish a relationship of affection and belonging, constituting for this a sense of value, which gives rise to a conception of place. In this sense, the chronicles of Flor de Liz echoed there as a pedagogical tool and record of the city space and ways of life of those people, keeping memories that would surely be kept and remembered in a future time.

Keywords: José Gurgel de Araújo. *Jornal das Moças*. Sertão. Caicó. Memory.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O CRONISTA E A CIDADE: UMA RELAÇÃO DE AFETO E PERTENCIMENTO	16
2.1 FLOR DE LIZ: UM CRONISTA NA CIDADE	16
2.2 CAICÓ: A TERRA NATAL	22
3 O ESPAÇO CIDADINO E AS CRÔNICAS: O LUGAR QUE GUARDA MEMÓRIAS	25
3.1 AS CRÔNICAS E SEUS ECOS DE MEMÓRIA.....	25
3.2 AS CRÔNICAS E SUAS FUNÇÕES PEDAGÓGICAS	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Esse estudo, intitulado “As crônicas de Flor de Liz (José Gurgel) e seus ecos de memória no espaço urbano de Caicó (1926)” teve como objetivo realizar uma análise qualitativa das crônicas escritas por José Gurgel de Araújo – Zezinho Gurgel, no *Jornal das Moças* (1926), no Sertão de Caicó, cujas assinaturas tinham o pseudônimo de “Flor de Lis”, as quais foram intituladas como “A Nota”. Esse pseudônimo encontra-se grafado nas crônicas sob duas formas, algumas com “s” e outras com “z”. Esta pesquisa seguiu a assinatura conforme grafia da língua portuguesa.

Não há na bibliografia pesquisada – cujas discussões estão mais adiante neste estudo – qualquer escrita acerca desse pseudônimo ou do porquê de o mesmo ser utilizado pelo autor, porém, seu significado apresenta algumas variações de sentido.

De acordo com o dicionário [*on-line*] especializado em símbolos¹, a “flor de lis” simboliza a pureza, a virgindade, a beleza e a renovação espiritual e foi usada inicialmente pela realeza francesa desde o século XII, de modo que se tornou emblema da França, sendo simbolismo de poder, soberania, lealdade e honra. Também está presente na heráldica para indicar o status na filiação. Assim, ela indica o sexto filho de uma família, além de também ser símbolo dos escoteiros e do escotismo. No que se refere à espiritualidade, para os cristãos, ela não só representa a virgindade de Maria e a pureza do anjo Gabriel, como as pessoas Pai, Filho e Espírito Santo num só Deus – a Santíssima Trindade.

Apesar de não haver evidências a respeito das escolhas do Senhor José Gurgel para este pseudônimo, a narrativa que se tem na biografia realizada por Suelena Gurgel de Oliveira é a de que ele “nasceu e cresceu em um lar cristão, entre os preceitos da fé católica e o protestantismo” (OLIVEIRA, 2002, p. 47). Situação esta que poderia servir de elo para a escolha deste pseudônimo, que a rigor é uma palavra relativa ao gênero feminino dentro da língua portuguesa. E, considerando outra hipótese, seria, como assinala Chalhoub (2005), o fato de tentar esconder sua identidade ou de ganhar maior liberdade em sua escrita, por isso o uso do pseudônimo.

O acervo da Biblioteca Pública Digital guarda, atualmente, 30 (trinta) crônicas,

¹ Disponível em: www.dicionariodesimbolos.com.br. Acesso em: 07 dez. 2018.

as quais estão inseridas no Jornal das Moças, salientando, porém, que não há paginação visível para melhor orientação metodológica no uso de análise das mesmas. E, destas, foram utilizadas para análise apenas aquelas cujos conteúdos ressaltavam o contexto urbano da cidade de Caicó, haja vista a delimitação histórico e espacial do estudo em questão.

Este tipo de análise se insere na pesquisa documental, segundo a qual é preciso realizar uma interpretação de seus textos, para além de uma interpretação semântica, o que envolve seu contexto social, histórico e cultural.

Para justificar o uso da imprensa como fonte de pesquisa, fez-se necessário realizar discussões reflexivas com o que Tânia Regina de Luca (2011) compreende sobre a escolha do jornal como fonte de pesquisa, para as quais ela cita os estudos realizados por Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado (1974), ressaltando que “a escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender que a imprensa não é mero veículo de comunicação, transmissor de informação e neutro dos acontecimentos, há sempre um interesse em intervir na vida social” (LUCA, 2011, p. 118).

Ainda seguindo as reflexões acerca do jornal como fonte, trouxemos para as nossas análises e discussões as contribuições de Maurice Mouillaud (2012, p. 32), o qual nos afirma que “o jornal pertence a uma rede de informações que começou a tecer-se em torno do nosso globo no século XX e o que o envolve em um fluxo material está em perpétua modificação”. Nesse sentido, ressalta que:

[...] o discurso do jornal não está solto no espaço onde o conceitua de ‘dispositivo’ - aquele que prepara para o sentido e se inter-relaciona com o texto, é aquilo que embala o monumento e que predispõe o seu sentido para acordar o ‘ethos’, prepara para o devir, numa relação dinâmica. (MOUILLAUD, 2012. p. 32).

Ou seja, não é possível realizar uma leitura – análise e interpretação – no texto das crônicas sem que seja realizado uma contextualização do espaço e do tempo, bem como das relações construídas pelo autor, considerando o caráter intencional que, neste caso, estaria relacionado a um ato pedagógico e à guarda de memória para a historiografia.

Ao realizar um estudo sobre *As crônicas machadianas*, Sidney Chalhoub (2005) afirmou que para analisar uma crônica é necessário refletir acerca delas e das suas especificidades, entendendo-as como gênero literário o que inclui a leveza,

a liberdade e a espontaneidade de quem a escreve, ao mesmo tempo em que alerta para a hipótese da diversidade de leituras ou níveis diferentes. Além disso, cita como importante o fato de o próprio autor está imerso no turbilhão dos acontecimentos e de suas intenções diversas.

Outro ponto considerado importante para esse estudo, refere-se à construção de um lugar de memória, tanto em relação ao espaço citadino retratado nas crônicas quanto pelo próprio conteúdo narrativo acerca do vivido e do experienciado pelo autor das crônicas.

Dessa forma, justifica-se alguns questionamentos acerca de seus escritos, os quais ajudaram na construção da problemática, cujas crônicas ao serem escritas, mesmo visando informar algo a alguém, também diziam do lugar, retratando o espaço, o modo de vida das pessoas, os comportamentos, a vida em sociedade em geral. Que memórias deveriam ser recolhidas para recordar e retratar em suas crônicas? De que forma ganhou sentido e contribuiu para informar e instruir pessoas, e até que ponto sua crônica serviu de instrumento pedagógico no seu contexto urbano?

Não estaria correndo o risco de incorrer nas limitações das leituras e narrar uma história recheada de bloqueios, limitações e exclusões. E, considerando a hipótese de que existem diversas possibilidades de leitura, em que medida esses escritos deveriam ter um significado histórico.

As razões que justificaram essa pesquisa referem-se, em princípio, à semelhança de história de vida educacional entre a pesquisadora e o cronista, principalmente no que concerne aos momentos de migração de sua família para estudar em outras cidades, bem como no encantamento pela diversidade e liberdade de pensar o lugar a partir das crônicas – um desafio pessoal. E, do ponto de vista da ciência, há uma esperança de que o presente estudo, embora ainda de forma incipiente, seja capaz de contribuir para a discussão do espaço citadino, em específico, a cidade de Caicó em outro tempo e espaço. Ao mesmo tempo em que se insere nas discussões acerca de um Sertão plural, diverso, onde possa se pensar além dos conceitos estereotipados e negativos construídos ao longo da história. E, nesse sentido, proporcione também possibilidades sob diversos olhares, considerando o espaço citadino e suas nuances a partir do estudo em crônicas.

Como afirma Chalhoub (2005), é desafiador interrogar uma crônica, pois não há uma medida exata para questionar e ter uma resposta precisa às intenções e

modo de pensar do autor, porém, uma pergunta simples e óbvia é possível: do que fala a crônica e que motivos o levou a escrevê-la. O propósito seria apenas pedagógico ou havia outras intenções do autor no sentido de se colocar como intelectual para a sociedade local?

Assim, a metodologia utilizada parte da análise de dados qualitativos, a qual envolve a análise de conteúdos na busca de um sentido ou de diversos sentidos de um documento. Assim, foi necessária a seleção e classificação de unidade da análise temática, bem como a categorização que emerge do contexto dos sujeitos da pesquisa. Para Campos (2004), a formação das categorias faz-se prudente junto à codificação das unidades de análise na qual os dados brutos são sistematicamente transformados em categorias temáticas para uma posterior discussão das características relevantes do conteúdo. Outras contribuições consideradas pertinentes à discussão sobre este tipo de narrativa são as seguintes.

Segundo Oliveira & Silva (2014), o termo crônica se origina da palavra latina *chronos* e significa tempo. Surgiu na França no Século XIX e veio para o Brasil posteriormente com fins de promover entretenimento ao leitor, escrita em rodapés de jornais, tendo como marco principal de iniciação a esse gênero textual a Carta de Pero Vaz de Caminha escrita ao rei D Manuel, de Portugal.

Ou seja, o contexto existente na crônica apresenta uma particular ligação com o tempo vivido, experienciado, uma relação entre autor e público, o que possibilita um diálogo entre o texto e o contexto quando se faz uma discussão entre os escritos com seu ambiente mais amplo de discussão, no caso desta pesquisa, o espaço urbano – a cidade de Caicó – para quem falam as crônicas.

Em sentido dual, as crônicas não tinham apenas a função de fazer ecoar os saberes de seu autor – o cronista –, mas também de fazer-se lugar onde se guardavam esses saberes e as histórias que ali eram experienciadas, vividas por ele e pelas pessoas do lugar, constituindo-se para tanto, um lugar de memória para ser guardada e lembrada.

Sobre o conceito de lugar de memória, Nora (1993) nos afirma que:

Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, e solitária não decidisse dela se encarregar. Lugar de memória é onde palpita algo de uma vida simbólica, pois só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica, é a memória que dita a memória da história que se escreve. (NORA, 1993, p. 18).

Se a memória não está em lugar algum, cabe ao historiador construir esse lugar para que seja lembrado e guardado, assumindo, para tanto, um local de referências, as quais são depositários de lembranças do passado e dos desejos do próprio futuro. Sobre essa reflexão acerca do lugar de memória, Gilmar Arruda (2000) aponta para a contribuição do pensar do historiador sobre a construção de como esses espaços geográficos – sejam eles rurais ou urbanos – possuem influência na constituição dos sentimentos de identidade nacionais ou regionais, no pensamento político e no próprio processo de transformação dos mesmos espaços cujo anseio está tanto implícito quanto explícito no íntimo do povo de cada lugar.

Portanto, as crônicas escritas por José Gurgel de Araújo, no *Jornal das Moças* (1926), têm sido citadas em diversos trabalhos acadêmicos, tais como artigos, monografias e dissertações, as quais se inserem na revisão bibliográfica dessa pesquisa e a enriquece, permitindo maior captação de uma rica experiência histórica sobre a cidade, sobre a imprensa, como também, contribuindo para a historiografia local e propiciando amplitude e aprofundamento para a compreensão de suas narrativas.

Dessa forma, as referidas crônicas são citadas em diversos trabalhos acadêmicos, dentre eles, monografias, dissertações e artigos científicos. E, segundo o próprio editorial, seu conteúdo estava atrelado à história feminina e à cultura potiguar. Para tanto, apresentava um caráter literário, humorístico e crítico. Numa edição do dia 07 de fevereiro de 1926, foi publicada uma crônica por Renato Dantas – um de seus colaboradores – explicando as razões de seu nascimento: o jornal “será um semanário de caráter independente, noticioso, e contará com assídua colaboração das nossas conterrâneas” (*Jornal das Moças*, 1926).

Abaixo, citamos algumas dos trabalhos articulados utilizando esse material como apoio às pesquisas e reflexões: o trabalho intitulado *Memórias de José Gurgel de Araújo no contexto de seu tempo: sua contribuição à educação*, uma monografia do Curso de Pós-graduação do Departamento de Estudos Sociais e Educacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Nessa pesquisa, Suelena Gurgel de Oliveira (2002) realizou um estudo biográfico que relata do nascimento à morte de Zezinho Gurgel, dando maior ênfase à contribuição educacional do mesmo para o município de Caicó. Nela, a autora, que também é neta desse senhor, descreveu de forma detalhada aspectos acerca de sua vida familiar e social, bem

como de sua atividade jornalística tanto como fundador, quanto como redator de vários jornais que circularam na época, dentre os quais o *Jornal das Moças* (1926).

Outro trabalho foi a monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, por Marili Araújo Silva Batista, a qual tem como título *O Jornal das Moças em Caicó no ano de 1926: o conteúdo das cartas e o culto à intelectualidade*, teve como objetivo refletir acerca do saber intelectual de suas redatoras e de seus colaboradores, dentre eles Renato Dantas, Janúncio Bezerra da Nóbrega e o José Gurgel de Araújo, através de suas crônicas.

Já o estudo realizado pela pesquisadora Ana Luiza Medeiros, cuja pesquisa aconteceu em nível de Mestrado pelo Departamento de História da Educação, da UFRN e que está sob o título *A perspectiva da educação higienista no Jornal das Moças (1926)* buscou examinar a formação e a aparição do discurso da educação higienista, no *Jornal das Moças*, onde também aparecem os discursos de Zezinho Gurgel evidenciados nos textos pelo fato de o mesmo ser da área da educação (Professor) e da saúde (Farmacêutico).

Outra pesquisa que cita as crônicas do Zezinho Gurgel é a intitulada *Caicó: uma cidade entre a recusa e a sedução*, da pesquisadora Juciene Batista Felix de Andrade. Uma Dissertação de Mestrado, do Curso de Pós-graduação em História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e seu estudo visava perceber os diferentes projetos pensados para a cidade, a qual também utilizou como uma de suas fontes o *Jornal das Moças*.

Desta maneira, as crônicas escritas pelo José Gurgel no *Jornal das Moças* (1926), suscitam a ideia de que o leitor é, comumente, o indivíduo que mora no espaço citadino, ou seja, onde se dá maior atenção aos problemas de modo de vida urbano, do mundo contemporâneo dos pequenos acontecimentos do dia a dia. O que significa também que o enredo evidencia uma relação de pertencimento entre cronista e o lugar. Sidney Chalhoub (2005) nos aponta que mais do que informar ou comentar, o intuito da crônica é, principalmente, divertir, dar prazer. E que alguns assuntos até nem fazem parte diretamente da vida cotidiana, mas fazem sentido, pois dizem e falam de si e do mundo com o qual mantém-se interligado e lhes dá significado.

Um outro autor e suas ideias, Yi Fu Tuan (2013), possibilitaram uma reflexão acerca de espaço e de lugar com presença de pessoas, espaço e lugar

experienciado por pessoas, no qual elas se aventuram ou se fixam “construindo” para si uma relação de afeição e pertencimento.

Nesse sentido, torna-se pertinente incluir na discussão a percepção do lugar em questão como sendo Sertão como sinônimo não apenas como o espaço do outro – índio, caboclo, vaqueiro, tropeiro, boiadeiro, agricultor –, nem somente como na projeção do pensar de quem está no espaço litorâneo – lugar de poder, força propulsora de desenvolvimento, do padrão cultural, mas, também, refletir acerca de como se constituía o Sertão que se fazia presente na historiografia e literatura no Século XIX, a saber: um Sertão associado à ideia de semiárido, outro priorizando atividades econômicas e padrões de sociabilidade, articulado à pecuária, como nos aponta Erivaldo Fagundes Neves (2003) ao discutir sertão como recorte espacial e como imaginário cultural.

No que se refere ao conceito de espaço, Tuan (2013) ressalta uma compreensão como símbolo comum de liberdade que sugere futuro e convida a ação, mas é também uma condição para a sobrevivência biológica. Já o conceito de lugar vai além do conceito de espaço físico, sugere uma concepção de espaciosidade, a qual está associada à ideia de estar livre para se locomover, ir além. Vejamos:

O espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço permanece aberto; sugere futuro e convida a ação. Do lado negativo, espaço e liberdade são uma ameaça. Ser aberto e livre é estar exposto e vulnerável. O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado. (TUAN, 2013, p. 70-72).

Nesse sentido, Tuan (2013) considera que o espaço fechado e humanizado passa a ser concepção de lugar. Para ele, se comparar o lugar com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos, e os seres humanos necessitam de espaço e de lugar.

Ou seja, o espaço fechado como sinônimo de espaço familiar. O que nos possibilita a ideia de que quanto mais familiar mais torna-se lugar, implicando na capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experenciar é aprender, é vencer os perigos, o que envolve sentimento e pensamento.

Como assinala Tuan (2013), é necessário pensar esse lugar onde as pessoas tem capacidade de ampliar seu mundo, no qual o coração e a mente se expandem na presença daqueles que se admira e se ama, de construir seu espaço como necessidade biológica, social, psicológico e espiritual, ressignificando seu lugar.

Portanto, para melhor orientação metodológica, este trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo, cujo título “O Cronista e a cidade: uma relação de afeto e pertencimento”, faz um relato da trajetória educativa do José Gurgel de Araújo e sua relação de afeição e pertencimento que ele constrói com o lugar – Caicó, inserindo discussões acerca dos conceitos de espaço e lugar bem como a construção do sentimento de afeição e pertencimento pelo cronista em relação a sua Pátria. Já no segundo Capítulo, sob o título “O espaço citadino e as crônicas: o lugar que guarda memórias” consiste na análise das narrativas apresentadas pelas crônicas e a contextualização do espaço citadino que elas apresentam, situando no palco das discussões os conceitos referentes ao lugar de memória e às possíveis funções pedagógicas no conteúdo das crônicas.

2 O CRONISTA E A CIDADE: UMA RELAÇÃO DE AFETO E PERTENCIMENTO

2.1 FLOR DE LIZ: UM CRONISTA NA CIDADE

José Gurgel de Araújo foi um homem que viveu entre 1892 e 1966 e sua trajetória de vida, assim como suas crônicas, serviram para embelezar esta narrativa histórica, pois avivam e dão sentido à memória do lugar quando as reconstrói e as reconta visando trazer para o presente o que poderia se perder em espaços longínquos do passado. Segundo Oliveira (2002), ele teve suas primeiras aulas em casa, onde aprendeu a ler e a escrever. Conforme relata,

José Gurgel de Araújo, nasce na cidade de Caicó, em 10 de janeiro de 1892. Seu pai – José Eustáquio de Araújo - dividia o tempo entre a fazenda (campo) e os trabalhos de Homeopatia; e, sua mãe – Maria Gurgel de Araújo Viana, além de dona de casa, era costureira. [...]

No ano de 1923, concluiu o Curso de Farmácia, especializando-se em Farmacêutico Químico Industrial. Apesar de ter recebido diversos convites para ficar em Recife, inclusive um para ser militar, entrando no exercito para a vaga de 2º vaga de Tenente, preferiu retornar a sua terra, Caicó, onde o esperavam seus familiares. (OLIVEIRA, 2002, p. 31).

Também estudou em Natal, no colégio Pedro Segundo, onde terminou seu curso primário. Depois, acompanhou seu pai (junto à família) ao Estado do Pará e, no retorno, foi para João Pessoa-PB, daí então, indo para Recife. Lá, graduou-se em Farmácia, com especialização em Química Industrial, pela Escola de Farmácia de Pernambuco, hoje Departamento de Ciências Farmacêuticas da Universidade Federal do Pernambuco.

Desse modo, fica perceptível a vida de migração do José Gurgel, quando ainda vivia o processo de busca pelos estudos, mesmo que as análises das crônicas não tenham permitido uma percepção de forma clara sobre o real motivo que o levou a persistir na ascensão pelos estudos. Talvez, como nos aponta Tuan (2013), tenha seguido seus estudos pelo desejo de procurar oportunidades em um ambiente mais livre e mais espaçoso, que é a cidade grande. Vejamos:

[...] a cidade era o lugar onde os jovens acreditavam que por si sós poderiam progredir e melhorar de vida. A falta de oportunidade na esfera econômica e de liberdade na esfera social fazem o mundo dos isolados povoados rurais parecer estreito e limitado. (TUAN, 2013, p. 80).

Ao terminar o curso de graduação, retornou para Caicó, fixando-se na cidade quando instalou sua farmácia sob o nome de fantasia *Farmácia Gurgel*. Lá casou-se com Beatriz Gurgel de Medeiros, com quem teve 9 (nove) filhos.

Naquele contexto, além de desenvolver sua atividade de farmacêutico, buscou interagir com a sociedade local, no sentido de colaborar com o crescimento e o desenvolvimento de sua terra natal. Uma das formas foi desenvolvendo a atividade jornalística através da qual manteve o eco de sua voz em diversos jornais que circulavam pela cidade. Em alguns, como fundador e redator, em outros como colaborador e escritor de crônicas e, dentre eles, Oliveira (2002) cita: o *Binóculo*, *Seridoense* - colaborador, *Juvenil*, *Jornal do Seridó*, *Ideal da Juventude* e o *Jornal das Moças*, que serviu de fonte para esta pesquisa.

O espaço era urbano e uma vida que parecia se mostrar em seu estado latente estava atrelada a um lugar, Caicó, no estado do Rio Grande do Norte, que ainda se contrapunha a capital, mantendo-se como uma pequena cidade interiorana, com atividades econômicas voltadas para o meio rural e apresentando baixo crescimento demográfico-espacial.

Segundo relata Morais (1999) em 1910, tinha-se 21.710 habitantes na Zona Rural e 3.715 habitantes na Zona Urbana; já em 1930, havia 21.240 da população rural, enquanto 4.110 habitavam o espaço urbano, apesar de o censo demográfico de 1930 apresentar um pequeno acréscimo em sua população urbana, no período de 1910 a 1930, o predomínio era da população rural.

Ou seja, uma demonstração de que os modos de vida dessas pessoas bem como suas moradias e suas atividades econômicas eram predominantemente agrárias. No entanto, esses aspectos não impediram de a cidade de Caicó se tornar destaque como centro de referência da economia algodoeira e do cenário político do estado, fato que também ocorreu no setor de cultura e da educação já nos idos do final da década de 30 para os anos de 1940 (MORAIS, 1999).

No que se refere à economia algodoeira, Morais (2005) relata que era desenvolvida no espaço da fazenda como atividade complementar à pecuária, compondo a base da economia regional através do binômio gado-algodão,

repercutindo na organização socioeconômica do Seridó. E foi essa evolução econômica que conferiu respaldo político à elite regional, a qual faz chegar ao poder José Augusto Bezerra de Medeiros, como Governador do Estado. Daí, o despontar de Caicó como centro regional, haja vista o destaque no beneficiamento e comercialização de algodão.

No âmbito da política local – a nível municipal – o poder era representado pelo Coronel José Bernardo de Medeiros, que teve como sucessor o Deputado Juvenal Lamartine de Faria e José Augusto Bezerra de Medeiros, citado acima e neto de José Bernardo, os quais tinham na escala de poder local o Coronel Joaquim Martiniano e Joel Damasceno, este figurando como Prefeito da cidade e José Augusto como governador do Estado, salientado que foi nesse período que circulou o jornal objeto desse estudo.

Outros aspectos merecedores de destaque dizem respeito ao modo de como estava sendo estruturado o espaço citadino nesse contexto. Havia por parte das autoridades já citadas um esforço para que a cidade substituísse os velhos lampiões de querosene pelo serviço de energia elétrica, mesmo que gerada pelo motor a óleo, em 1925. E para justificar seu discurso de posse em relação às prioridades na prestação dos serviços de saúde e educação pública, bem como no combate ao analfabetismo, José Augusto, tenta implantar algumas políticas nesse sentido.

Primeiro, a construção do Hospital do Seridó, que teve sua inauguração em 07 de agosto de 1926, pelo então Presidente Washington Luiz. Depois, a construção da primeira unidade escolar oficial de Caicó, o Grupo Escolar Senador Guerra, em 1925. O mesmo funcionava até então nos salões da Intendência Municipal, hoje com o nome de Escola Estadual Senador Guerra.

Acerca desse mesmo contexto, Rocha Neto (2005) afirma que a construção da referida escola estava em consonância com a política nacional de educação, que, por sua vez, baseava-se na Lei nº 249, de 1907, a qual fomentava a construção de grupos escolares e visava extinguir as Escolas de Primeiras Letras, instituindo para isso os cursos complementares. Vejamos:

A reforma se constituía num projeto social e educacional que priorizava um programa urbano cultural de edificações, especialmente escolares, com ênfase na construção de grupos escolares, compreendidos como um modelo escolar eficiente, e universalmente adotado, de organização da instrução primária. (ROCHA NETO, 2005, p. 123).

Outra informação é que a intenção era de fato acabar com as Escolas de Primeiras Letras que, na maioria das vezes, funcionava na casa dos professores, conhecidos como Mestres-escolas, as quais deveriam ser substituídas por ambientes mais arejados, planejados, agradáveis, bem como, agrupando professores, diretores, inspetores, alunos, todos enquadrados nas práticas educacionais modernas, visando deixar para trás, ou melhor, extinguir da educação as práticas representativas do mundo doméstico e religioso (ROCHA NETO, 2005).

Outro aspecto importante como parte desse contexto fora percebido pela professora e pesquisadora Juciene Andrade (2007), cujo olhar se debruça sobre a cidade e o papel que o jornal desempenhava em seu meio. Segundo assinala, o jornal fazia parte desse novo tempo de consumo de novidades com as promessas de vida confortável, em que passaram a ser utilizados como instrumento para comunicar os sonhos de uma elite letrada que ganhava espaço através das propagandas. No que se refere à crônica, ela era a própria voz que ecoava no espaço citadino para falar cotidianamente dos aspectos que pareciam corriqueiros, mas que faziam parte dos costumes, dos valores, dos anseios e dos sonhos de quem os gritava e da própria organização da vida da comunidade.

Segundo as narrativas de Oliveira (2002), no entanto, algumas pessoas consideradas mais abastadas financeiramente buscavam maior crescimento na área da educação e, por isso, saíam de sua terra natal para estudarem em centros urbanos maiores como Recife, Olinda e Natal. De acordo com a autora, essa era a realidade vivida pelo cronista José Gurgel, pois igualmente àqueles que almejavam ascensão nos estudos, ele saiu de sua terra para se aventurar na cidade grande visando uma formação profissional.

Essas são afirmativas que nos revelam uma história de vida semelhante a de tantos outros filhos de Caicó, no início do século XX, porém, somente aqueles de famílias mais abastadas financeiramente, saíam de sua cidade para estudarem na capital do estado para, dessa forma, conseguirem avançar nos estudos visando a conquista do curso superior, título este que não era conquista para todos, tendo em vista, a não existência de instituições educativas que oferecessem esse nível de educação no interior do Estado, em especial, na cidade de Caicó.

Ler suas crônicas hoje e analisá-las é fazer uma caminhada pela cidade de Caicó naquele período, pois há no enredo de seus conteúdos, detalhes que descrevem práticas cidadinas, a urbanidade, suas experiências, bem como, seu

pensar, seus sentimentos e suas emoções acerca do mundo que o cercava, por vezes descrito por ele como seu querido “torrão natal”. Abaixo, lemos o seguinte na crônica:

O meu artigo de hoje é uma despedida que deixo às minhas queridas companheiras de trabalho desta folha que amamos com todo o desvelo do nosso coração, com todo o carinho da nossa mocidade, com toda a ternura do nosso amor ao querido torrão Natal.
 [...] o ‘Jornal das Moças’ continuará recebendo colaboração como dantes, no tempo em que o escrevinhador desta secção era um solteiro, um pescador de olhares, um sincero apaixonado do bello, do bom, do agradável. Sim, até breve. (ARAÚJO, 18.07.1926, [s. p.]).

Nessa narrativa, o cronista enfatizava o seu amor pela escrita e colaboração que fazia ao jornal, bem como, o sentimento que nutria pelo lugar de origem, substantivando-o de “torrão Natal”, o que sugere uma ideia de pertencimento e afeição através do sentimento expressado em suas palavras que também sugerem emoção. Sobretudo, por que a crônica traz a relação espacial e climática quando se refere a Caicó como “torrão Natal”, cidade do sertão seridoense.

Yi Fu Tuan (2013) nos aponta o aspecto da afeição humana pela pátria como uma emoção humana comum. Dizendo que sua intensidade varia entre diferentes culturas e períodos históricos. Quanto mais laços houver, mais forte será o vínculo emocional. Ele ressalta que:

[...] essa profunda afeição pela pátria parece ser um fenômeno mundial e não está limitada a nenhuma cultura e/ou economia especial. É conhecida de povos letrados ou não letrados, de caçadores, agricultores, sedentários assim como dos habitantes das cidades. (TUAN, 2013, p. 194).

O conteúdo da crônica revela esse sentimento tanto pelo lugar, quando enfoca o termo “de toda ternura do nosso amor ao querido torrão natal”, quanto pelas suas colegas e pelo próprio jornal com o qual colabora. Esse sentimento também está demonstrado quando expressa emoção ao escrever: “desta folha que amamos com todo o desvelo do nosso coração”, fazendo emergir seus sentimentos de amor por aqueles e por “aquilo” com que convive.

Não é possível mensurar essa afeição, como também não é fácil explicar afeições simples como essa, conforme aponta Yi Fu Tuan (2013):

[...] a afeição pode ser intensa e profunda, embora subconsciente, pode se formar simplesmente com a familiaridade e tranquilidade, com a certeza de alimentação e segurança, com a recordação de sons e perfumes, de prazeres simples e acumulados ao longo do tempo. (TUAN, 2013, p. 195).

Há uma outra curiosidade interessante de ser observada. Apesar de anunciar sua nova situação civil, expondo sua vida pessoal, ou seja, a passagem da vida de solteiro para a de casado, não demonstra que se despede do jornal, mas da vida de solteiro e da forma de se relacionar com as pessoas, em especial, as mulheres redatoras do jornal, por quem nutria grande apreço. O que parece elocubrar a ideia que Tuan (2013, p. 181) ressalta: “a satisfação é um sentimento cálido positivo, mas que pode ser descrito como a falta de curiosidade do mundo lá fora, bem como da ausência de vontade de mudar o cenário”. Nesse contexto, deixa registrado um momento de sua vida o qual considera como aquilo que vem a ser “um punhado de venturas”, “um privilégio que o coração tem reservado para os seus eleitos, para os seus escolhidos e para os seus filhos”.

Nesse sentido, é importante observar que o cronista parece estar imerso no turbilhão dos acontecimentos, como sugere Sidney Chalhoub (2005) ao dissertar sobre *As crônicas machadianas*. Ele nos alerta sobre uma possibilidade de pensar sobre as intenções do autor, assim como nos ajuda a refletir acerca da crônica como gênero literário e das suas especificidades, o que inclui a leveza, a liberdade e a espontaneidade de quem a escreve e nos alerta para a hipótese da diversidade de leituras ou níveis diferentes.

Outro ponto não menos importante para destacar na narrativa do cronista, é o que a discussão nos possibilita analisar: é que a intenção do autor parece estar mais relacionada ao fato de registrar, talvez como autoafirmação ou mesmo de forma deliberada, uma passagem de sua vida pessoal, que ele considerou importante naquele momento de sua vivência, no sentido de produzir também uma memória de si.

Sob esta perspectiva, cujas intenções estão eivadas de subjetividades, a ideia abordada por Gomes (2004, p. 15) reafirma que o documento não trata de dizer o que houve, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou em relação aos acontecimentos não a verdade dos fatos, mas uma constituição da identidade de seu autor e do texto, caracterizando um conjunto de modalidade do que se convencionou chamar de produção de si no mundo moderno, a qual também é uma forma de produção de memória de si.

2. 2 CAICÓ: A TERRA NATAL

“A cidade ou terra é vista como mãe ou nutriz”

(TUAN, 2013, p. 194)

Segundo aponta Yi Fu Tuan (2013, p. 204), “o lugar existe em escalas diferentes e a pátria é um tipo importante de lugar em escala média, uma região grande o suficiente para garantir a subsistência de um povo”. Dessa forma, entendemos que a cidade de Caicó, no período em estudo, coube nesse entendimento, haja vista o contexto em que se encontrava tanto em relação ao espaço, quanto à economia, bem como à questão político-organizacional e político-social.

Segundo Morais (2005), em meados da década de 20, a fazenda continuava a ser a unidade produtiva básica da estrutura econômica, mas as cidades e vilas, esboços do urbano regional, aos poucos, denotavam sinais de relativa dinâmica, mesmo que atrelada à economia rural. No que se refere às estruturas de poder, esses espaços – urbano e, principalmente, o de contexto rural – estavam atrelados aos coronéis Joaquim Martiniano e Joel Damasceno, expoentes da política local. Em nível de região, a representatividade era exercida por Juvenal Lamartine e no estado, por José Augusto, no posto de Governador, ambos formando uma teia de relações familiares existentes no Seridó, ao mesmo tempo em que se fortaleciam as oligarquias pelos veios da estrutura política.

No âmbito das políticas sociais, o destaque foi para a educação. O Rio Grande do Norte alcançou invejável posição em desenvolvimento educacional, conseguindo disseminar a instrução, sobretudo a primária, como sendo a base do progresso social da época, com destaque para a construção da primeira unidade oficial de escola, em Caicó, o Grupo Escola Senador Guerra, bem como, auxílio financeiro para a construção do Colégio Santa Terezinha. E, nesse ponto, a região do Seridó foi contemplada nos vários segmentos, tais como educação, energia, transportes, eletrificação, saúde e comunicação. (MORAIS, 2005, p.167).

Em meio a essa efervescência do crescimento e do desenvolvimento da cidade, estava mais uma vez a voz de José Gurgel nas crônicas do Jornal das Moças:

O senador francês Menier acaba de vender uma ilha de sua propriedade, Anticoste, pela assombrosa importância de cento e oitenta milhões de francos, afim de com essa somma contribuir para a valorização da moeda de seu paiz que está ameaçada.

Esse exemplo admirável deve ser seguido por todos aquelles que estão interessados seriamente, pelos destinos de sua Nação ou do seu Estado que esteja ameaçado de uma desgraça que importa na perda do seu crédito.

[...]

O Rio Grande do Norte espera que dentre muitos dos seus filhos apareçam legítimos patriotas da fibra de Menier que venda uma propriedade por uma fortuna invejável para contribuir com ella pela valorização da moeda do seu glorioso paiz. (ARAÚJO, 06.06.1926, [s. p.]).

De “querido torrão Natal” à “glorioso paiz”, o cronista enaltecia sua terra natal, mostrando o exemplo ocorrido em Paris, na França. Ressaltava ainda a ideia de patriotismo do Senador, ou de amor à Pátria, quando desembolsava uma grande quantia em dinheiro para salvar o estado da dívida externa.

Outra informação citada na crônica é que a notícia havia chegado da cidade da luz através do *A República*, jornal oficial do governo do estado, anunciando que a moeda francesa havia desvalorizado e que haveria possibilidade de pagamento da dívida pelo nosso estado.

Na crônica acima, do dia 30 de maio, o conteúdo alertava sobre a queda do franco, numa crítica que fazia ao empréstimo realizado pelo estado do Rio Grande do Norte à França a fim de “embelezar” a cidade de Natal, denunciando a não realização do feito e, portanto, o não alcance dos objetivos do empréstimo. Daí, sugere que os filhos ricos da terra deviam se levantar em defesa do bom crédito para salvar o estado. Para tanto, defendia a ideia de patriotismo entre os seus pares para salvar a dívida do estado. Analisemos:

O Rio grande do Norte tem muitos filhos ricos que se devem levantar na defesa do bom crédito nosso sem lhes custar o menor sacrifício, porque há realmente vantagem, há realmente lucro, há realmente proveito nesta amortização no presente.

Um pouco de patriotismo e salvaremos o nosso querido Estado de uma dívida que em 1950 será de vinte e dois mil contos, quando na época actual podemos resgatá-la com a modesta quantia de mil e seiscentos contos. (ARAÚJO, 30.05.1926, [s. p.]).

Em diversas outras crônicas a voz do cronista em alusão ao enaltecimento dos princípios republicanos e patrióticos se fazia presente. No entanto, o que se

evidencia é que o enaltecimento aos princípios patrióticos estão associados a um tipo de conhecimento que não nascia do senso comum não alfabetizado, mas de um indivíduo conhecedor das causas e das consequências de uma dívida estatal, e que tinha acesso aos jornais de grande circulação em nível de Estado. Essa era a realidade dos filhos dos coronéis, dos grandes fazendeiros da cotonicultura e dos grandes produtores bovinos, os quais tiveram acesso aos bancos das faculdades.

O cronista, apesar de não pertencer às famílias de coronéis e/ou criadores de gado na cidade e na região do Seridó, caminhava por entre a elite, bebia de sua fonte, seja no que se refere ao segmento financeiro, seja no acesso à educação, tendo em vista o seu pai possuir pequena porção de terra no município de Timbaúba dos Batistas e possibilitar educação para o mesmo (OLIVEIRA, 2002).

Sugerir ou esperar que um indivíduo venda seus próprios bens para sanar dívidas do Estado talvez não fosse uma ideia sensata para muitos dos oligarcas da época, haja vista advir daí o poder político e econômico que alguns grupos possuíam. No entanto, são apenas conjecturas com o fim de ampliar a discussão.

Numa segunda hipótese, já trabalhada anteriormente, poderia se pensar na relação de afetividade entre indivíduo e lugar, um sentimento de pertencimento para com a pátria ou, como nos aponta Tuan (2013), um tipo de lugar cujos referenciais que pudessem ser marcos de grande visibilidade material ou imaterial e importância pública. Esses sinais são capazes de possibilitar o sentimento de identidade das pessoas, ao mesmo tempo em que incentivam a consciência e a lealdade para com o lugar. O que levaria um indivíduo a pensar sobre tamanho desprendimento, poderia estar relacionado a seus princípios religiosos, republicanos, patrióticos, vínculos familiares, afetivos com as pessoas e com a terra, pois que não há justificativa plausível.

Para Tuan (2013) não há resposta plausível para aquele que amava seu “torrão”, seja ele um lugar concreto, simbólico ou de representações, cujas narrativas estão reveladas nos seus escritos para que sua voz seja ouvida não só por quem o ler – já que era um jornal muito bem acolhido pela sociedade letrada do município, o que significava também que o eco dessa voz chegaria naqueles a quem direcionava seu apelo.

3 O ESPAÇO CIDADINO E AS CRÔNICAS: O LUGAR QUE GUARDA MEMÓRIAS

3.1 AS CRÔNICAS E SEUS ECOS DE MEMÓRIA

Êta, caba arretado de bom!
 Pro mode quem num se adivinha,
 Viemos aqui relatar
 A vida de Zé Gurgel
 Caba – sertanejo – potiguar
 Defensor de muita gente
 Um dos caba mais decente
 Que aqui já pode habitar

[...]

Êta Zé Gurgel, caba arretado de bom!
 No ano de 23 concluiu seus estudos
 Recusou muitas propostas
 No estado do Pernambuco.
 Queria pra casa voltar
 Pois Caicó era seu lugar

(Alunos da Escola Mul Prof José Gurgel, 2008)

Os referidos versos fazem parte de um cordel organizado por professores e alunos da escola municipal de Caicó cujo Patrono é o Senhor José Gurgel de Araújo. Ela está situada no bairro Boa Passagem, neste município, e a iniciativa do cordel se deu em função do Projeto Rememorar promovido pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, no ano de 2008, com o objetivo de exaltar a cultura do município “rememorando” – escrevendo e narrando as histórias – dos patronos das escolas municipais².

Resultou desse projeto um “apanhado” de informações acerca da vida e da história do José Gurgel, evidenciando algumas formas dele se relacionar com a sociedade da época e pensar o lugar – Caicó, participando de forma ativa acerca daquilo que ele considerava importante para o crescimento e desenvolvimento de sua cidade.

O verso abaixo certamente traduz a compreensão e o entendimento que os alunos tiveram em relação ao que foi trazido para eles sobre a vida do patrono de sua escola. Um retrato da transformação do menino do sertão em educador, aquele que tem vocação para ensinar e, como professor cuidadoso, uma missão de ensinar

² Cordel do Projeto Rememorar, escrito pelos alunos do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Professor José Gurgel, em Caicó-RN, 2008.

a ler, a escrever e a contar. Vejamos:

Um menino do sertão
Filho de agricultor
Junto com seu pai e mãe
Foi um grande sofredor.
Nas lidas da vida
Também foi educador.

Tendo vocação também de ensinar,
Na Fazenda Aldeia
Pôde essa ação realizar.
Vindo depois a cidade de Caicó,
No CDS e Santa Terezinha lecionar.
Professor cuidadoso tinha a missão
De ensinar a ler, escrever e contar.
(Alunos da Escola Mul Prof José Gurgel, 2008)

É fato que o Senhor José Gurgel, não apenas teve sua instrução primária por meio de mestre-escola, mas também teve oportunidade de exercer essa função na Fazenda Aldeia, no município de Caicó, como exposto na narrativa do cordel. Segundo Oliveira (2002), ele fora instruído em casa pelo seu próprio pai bem como na Escola do Professor “Pedro Gurgel” e só depois teria dado continuidade a sua instrução educacional, como Curso Primário no Colégio Pedro Segundo, em Natal.

E no que se refere à missão de professor, tem-se o registro no documento³ oficial da referida escola, que ele fora convidado para dar aulas no Colégio Diocesano Seridoense, onde lecionou por 10 (dez) anos como professor do Curso Ginásial nas matérias de História Geral e História do Brasil, bem como deu aulas a título de colaboração no Colégio Santa Terezinha.

Nesse mesmo documento, há outros registros narrando o José Gurgel como participante ativo de outros eventos na cidade, tais como: a fundação do Hospital do Seridó, em 07 de agosto de 1926; a fundação da Associação Educadora Caicoense, ligada à Biblioteca Pública, em 1919; a fundação do Centro Operário de Caicó, em 1924; a fundação do Posto de Profilaxia, 1924; a fundação do Rotary Club de Caicó e da Primeira Loja Maçônica “Trabalho e Fraternidade. E, ainda, exerceu a função de Juiz de Paz por 10 (dez) anos e a função de Pastor na Igreja Presbiteriana local.

Uma pessoa cujo movimento parece estar associado a uma habilidade de planejar o ambiente que, por sua vez, atende a um propósito educacional, o qual

³ Histórico da Escola Municipal Professor José Gurgel de Araújo, cujo anexo faz parte do documento oficial que cria a referida escola.

pode ser ordenado, planejado. Movimento esse que é ratificado pelo contexto urbano apresentado acima, quando demonstra que esses fatos ocorreram nesse período, nos ajudando a compreender a habilidade de movimento que o indivíduo tem no seu lugar.

É também dessa forma que entendemos o Sertão, o espaço com presença de pessoas com capacidade para construir ideias passíveis de transformar o espaço, dando sentido e valor.

Conforme ressalta Amado (1995), “para o colonizador, ‘Sertão’ constituiu-se no espaço do outro, o espaço por excelência da alteridade”. Dessa forma, a assimilação conceitual do outro geográfico introduziu uma tensão dialética dentro do ponto de vista do mundo europeu, que determinou como a Europa percebeu o mundo de fora ou o seu oposto. Porém, “o termo ‘Sertão’ também podia designar espaços interiores da colônia, bem como aqueles espaços desconhecidos, isolados, perigosos, dominados pela natureza bruta, e habitados por bárbaros, hereges, infiéis” (AMADO, 1995, p 149).

Se por um lado, adentrarmos o espaço do Sertão de Caicó, tendo por base a discussão de natureza dual, cuja concepção de Sertão quando associada aos conceitos geográfico (semiárido) e econômico (pecuária) justificava-se no imaginário construído pelos viajantes, missionários e cronistas. Por outro lado, poder-se-ia levar em consideração a cidade de Caicó no contexto de sua construção político-agrária, em que predominou o poder das elites com o crescimento político dos coronéis e, ainda, um interior pouco povoado. Daí a possibilidade de trazer para o palco das discussões o vislumbre de um “Sertão” “arcaico, lugar de ação do clientelismo político, dos coronéis, do populismo e da violência (NEVES, 2003, p. 163).

Porém, uma reflexão que Neves (2003) possibilita é a de que no Sertão havia mais que asperezas e hábitos despóticos de indivíduos e autoridades, havia seres humanos capazes de atitudes generosas e hospitaleiras, inferindo-se, para tanto, a ideia de sertão múltiplo e diverso.

Nesse sentido, entendemos que José Gurgel ao vivenciar esse espaço ao mesmo tempo em que o retratava em suas crônicas, criava para si um lugar de memória, quando lhes dava sentido e cristalizava seus saberes.

Como ressalta Nora (1993, p. 13) “a memória é a vida, carregada por grupos vivos. Porque é afetiva, mágica, instala a lembrança no sagrado, pertence a todos e a ninguém e se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”.

Assim,

[...] os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993, p. 13).

Ou seja, as crônicas do José Gurgel eram em si mesmas o lugar de memória que narrava não apenas as vivências de um lugar, mas, sobretudo, um lugar experienciado, vivido e aprendido e, ao mesmo tempo, um lugar pedagógico educacional que se fez meio de instrução e de informação.

3.2 AS CRÔNICAS E SUAS FUNÇÕES PEDAGÓGICAS

A crônica é um gênero literário que comumente tem como leitor, o indivíduo que mora no espaço urbano, ou seja, na cidade, onde se dá maior atenção aos problemas do modo de vida urbano, do mundo contemporâneo dos pequenos acontecimentos do dia a dia.

As crônicas escritas por Zezinho Gurgel no *Jornal das Moças* (1926) retratam o espaço urbano de Caicó no início do século XX, nas quais ele buscou abordar questões de sua contemporaneidade a partir de suas vivências e de suas experiências bem como de suas formas de perceber, de sentir e de se relacionar com o lugar.

E, assim como o próprio jornal – em geral –, elas não tinham apenas o caráter descritivo da cidade, haja vista, o conteúdo das mesmas ao relatar os problemas, os acontecimentos do cotidiano, mas, sobretudo, pela função de informar, instruir, solicitar resolutividade nas questões que envolviam os serviços públicos prestados pelo município e até mesmo para disciplinar ou normatizar comportamentos das pessoas no meio social. Vejamos:

As pessoas, ainda mesmo com a menor dose de cultura, são conhecidas pelo seu tratar, pelo seu modo de viver e pelo seu juízo que fazem das coisas sociaes.

[...] pessoa alguma tem o direito de revelar a sua estupidez, a sua ignorância, a sua má educação.

[...] em qualquer igreja que tenhamos o prazer de estar, por um instante de santa espiritualidade, não podemos conversar, não devemos rir, não façamos um dedo de commentário sobre o mais innocente assumpto, porque ali reina a santidade, o respeito a Deus, o reconhecimento à verdade. (ARAÚJO, 29.08.1926, [s. p.]).

Nessa narrativa, o cronista não só critica a falta de educação das pessoas, justificada pelo que ele compreende como sendo de suma importância. E orienta o modo como as pessoas devem se comportar no ambiente onde ele acredita estar na presença de Deus. Este ambiente é o lugar onde o mesmo o acredita santo, sagrado, e, aquele ou aquela que se comporte de forma diferenciada deveria ser visto como estúpido, ignorante e mal-educado.

Outra afirmação feita por ele em relação ao mal comportamento das pessoas, diz respeito ao uso do chapéu quando as pessoas vão ao teatro ou do hábito de fumar em público. Assim também ele faz alusão à pronúncia errada quanto ao uso da língua portuguesa, quando as pessoas iam ler a história das fitas onde eram gravadas os filmes.

[...] temos o “Avenida” que aos sabbados e aos domingos faz as delícias da nossa cidade, é muitas vezes frequentado por pessoas de cultura que fica muito a desejar, ora porque conserva o chapéu na cabeça, (...) ora porque encommoda os visinhos lendo em voz alta a história das fitas até mesmo com muito desprante de pronunciar erradamente os nomes dos senhores artistas.

[...]

O que não dirá o nosso hóspede que vem repleto das melhores informações do nosso povo.

Não leiam alto mais...

...afim de corrigir-se de tão grave defeito, de tão péssimo costume, de tão feio hábito como o de fumar ali diante das famílias e junto de pessoas que têm verdadeira repugnância a esse vicio tanto detestável quanto aborrecido. (ARAÚJO, 29.08.1926, [s. p.]).

O cronista não apenas orientava as pessoas para se comportarem quando iam ao teatro conforme ele considerava correto, mas também justificava o porquê dos seus ensinamentos. Para tanto, considerava que usar o chapéu na cabeça, fumar em público e ler em voz alta as histórias dos filmes nas fitas era um ato que não satisfazia aos seus desejos que ele apresentava como sendo da comunidade e,

para isso, justificava que o visitante ou hospede que chegasse à cidade poderia ignorar tais comportamentos.

E, ainda, adjetivava de grave defeito e de repugnante vício no caso dos fumantes. As narrativas não explicitam se as pessoas eram de uma classe social diferenciada da do cronista ou se elas tiveram acesso ou não a escola. Não há uma alusão a esse aspecto ou a relativização ao que era considerado estranho para ele e que deveria servir como conduta correta quando as pessoas estivessem no meio social, talvez o ato de ler os textos com antecedência para depois praticá-lo em voz alta fosse uma alternativa para os leitores ora criticados.

Isabel Solé (1998), ao tratar sobre “estratégias de leitura”, ressalta alguns dos objetivos da leitura ao utilizá-la como instrumento de aprendizagem, a saber: obter informação precisa ou de caráter geral, seguir instrução, aprender sobre, por prazer, ler para praticar a leitura em voz alta, dentre outros.

Quando estamos no âmbito do *Jornal das Moças* (1926), este trazia em sua capa a afirmação de que tinha um caráter literário, humorístico e de crítica, conforme citado anteriormente e que tinha José Gurgel de Araújo como um de seus colaboradores.

Conforme ressalta Rocha Neto e Morais (2010),

[...] a folha enquadrava-se nos padrões dos grandes jornais da época no estado, no que se refere às técnicas gráficas, como por exemplo, os periódicos *A República*, de Natal, e o *Jornal do Seridó* (1927; 1929) de Caicó. O periódico mantinha uma redação permanente e sua distribuição era feita através de venda avulsa nas bancas e por assinatura.

[...] o tablóide de Caicó já utilizava técnicas jornalísticas, como a diagramação, formato de três colunas, distribuição nas bancas da cidade, como também as assinaturas de seus exemplares.

[..]Com a boa aceitação e a circulação nas grandes rodas sociais da cidade, causando curiosidade e admiração das moças e senhoras, para o segmento feminino, bem como para ambos os sexos. (ROCHA NETO; MORAIS, 2010, p. 2)

Dessa forma, as crônicas do José Gurgel vão ganhando um caráter pedagógico e educativo no espaço urbano. E vários aspectos da cidade que lhe chamavam a atenção são citados, tais como acontecimentos relativos à saúde pública, à educação e à política, à segurança pública, e aos cuidados com o ambiente coletivo.

Ainda fez críticas relevantes a questões de cidadania, problemas referentes à eletricidade, preocupações com a hora e com o tempo, com a dívida externa do estado a países estrangeiros. Assim, à medida que instruía, também realizava uma espécie de intervenção no seio da vida das pessoas, tanto no aspecto familiar, quanto social.

No que se refere a hora oficial e o tempo dos cidadãos, vejamos:

Há por toda a cidade natal um vivo desejo de levarmos os nossos relógios para a hora oficial. Ninguém mais ignora que o “carrilhão” da Matriz, ao meio dia nos manda as suas doze badaladas, desprezando a hora solar, isto é, com quarenta minutos de diferença.
[...]

O nosso “Senador Guerra”, importante templo de educação da infância e da mocidade da nossa terra, o Telegrapho Nacional, a Igreja Matriz, diversas residências familiares e algumas casas comerciais já adoptaram a hora oficial e por que todos não acertam os seus relógios affim de termos uma hora certa?

[...] o relógio velho que vem prestando o optimo serviço de nos dizer a hora solar, ficará com o mesmo trabalho, com o mesmo prazer, com o mesmo contentamento marcando a hora oficial, a hora certa, a hora regular do mundo.

[..] isto é, marcar as horas com a exatidão determinada por uma comissão especial que estudou o assumpto com a competência scientificamente exigida. (ARAÚJO, 31.10.1926, [s. p.]).

A crônica acima refere-se há um apelo para que as pessoas da comunidade passassem a usar a hora oficial do mundo a fim de se adequarem à determinação de competente comissão. No entanto, não há em sua fala uma preocupação acerca dos motivos pelos quais as pessoas ainda não acertaram seus relógios com a hora regular do mundo. Uma recomendação que, certamente, não foi construída com base na vivência dessas pessoas, que mantinham seus horários de trabalho e suas vidas cotidianas inter-relacionados com o badalar do sino das igrejas que, por sua vez, estavam com sua hora – suas badaladas – com base no movimento do sol. As pessoas já estavam habituadas cotidianamente e fisiologicamente ao formato anterior, até pelas atividades desenvolvidas por elas.

Para justificar seu pedido, o cronista aponta várias casas comerciais bem como órgãos públicos, citando a escola Senador Guerra e o Telégrafo Nacional, como instituições que já adotaram a hora oficial. A rogativa, segundo ele, é para que o acerto das horas nos relógios não causasse descontentamento às pessoas no que se refere ao horário de funcionamento, dizendo que aqueles que reclamavam

traziam um “lamento improcedente”. Justificava ainda a sua chamada, que a hora oficial foi criada dentro do rigor científico e que é necessário a adequação à “hora oficial, à hora certa, à hora regular do mundo”.

Ou seja, as pessoas talvez não apresentassem o mesmo ritmo de vida, estivesse ele ligado aos afazeres de casa ou mesmo àqueles inerentes ao trabalho. Como já exposto, nesse período, parte da população ainda tinha suas atividades ligadas à zona rural, voltadas para o setor agrícola e criação de animais. Assim, o tempo funcionava de forma diferente, talvez acabando com o pôr do sol para uns e iniciando com os primeiros clarões do dia, já para outros, a hora marcada pelo relógio oficial tivesse mais urgência tendo em vista o planejamento e a ordenação em que a vida em comunidade exigia para atender as necessidades não apenas do indivíduo, mas também do outro, por exemplo, na prestação de serviços como educação.

Adequar-se a uma hora que fora determinada mundialmente, a qual passava a regular e a medir o tempo dos indivíduos consigo e no convívio com a sociedade na qual está inserida talvez não fosse o plano de todos haja vista as diferentes atividades exercidas em tempos e em ambientes diferentes.

Não há também em sua fala um questionamento se o fato de o relógio mecânico regular a vida social das pessoas também não iria passar a regular suas vidas privadas, já que o tempo delas passaria a ser medido não com base nas suas necessidades do dia a dia, mas com base em um regulamento externo, baseada no desenvolvimento de grandes centros urbanos cujas práticas comerciais e organização de vida passaram a ser ritmadas por essas horas. Como trazer para a vida pacata, calma de convívio rural, apesar do espaço ser urbano, a pressa da cidade grande?

No que concerne à luz elétrica x seu preço injusto, ele narra:

O Serviço Urbano da Força e Luz de Caicó, ora passado para a actual municipalidade por feliz proposta do Coronel Joel Damasceno, actual presidente, a quem a nossa terra deve optimos melhoramentos, vai supprindo uma das necessidades mais palpitantes do presente.

Sim, Caicó não pode passar sem a sua excellente iluminação electrica que tanto nome e realce empresta ao seu progresso, ao seu desenvolvimento e ao seu próprio passado...

Pois bem, estando esse admirável adiantamento sob o controle municipal, não deve continuar com a mesma tabela de preços para as casas de família que toda economia fazem para a própria intendência, não gastando além dos cinco kilowats de luz por 10\$000 mensalmente, tão mal calculados por aquellas que são as suas principaes freguesas, quanto os particulares que pagam por lâmpadas apenas lhe sae o negocio pela metade do preço.

[...]

Não é uma injustiça? Não é uma ingratidão que sofre a casa de família que é obrigada a ter um medidor carissimo quando devia receber o kilowats de luz mais barato, mais vantajoso e mais accessivel, uma vez que é uma consumidora segura, certa e permanente.

Aqui deixamos o nosso apelo bem digno, bem justo e bem adequado ao estudo dos illustres e esforçados Intendentes Municipaes. (ARAÚJO, 07.11.1926, [s. p.]).

Nesta crônica, seu autor relata sobre a importância da luz elétrica para a cidade, a qual era de grande significado para o progresso e o desenvolvimento de Caicó, e que seria necessário tentar superar qualquer obstáculo sob qualquer hipótese para manter o serviço da força e da luz.

Conforme Morais (1999), a luz elétrica chega a Caicó em 1925, para substituir os lampiões a querosene. A informação que o José Gurgel ressalta em seu texto é uma espécie de reclamação às autoridades competentes da cidade para que revejam a forma de medir a energia, situação que o mesmo considera injusta para quem usa menos e tem menor condição financeira. Nesse apelo, sugere que as autoridades realizem um estudo adequado para que o valor a ser pago pelos munícipes aconteça conforme o uso em quilowatts da força e da luz.

No entanto, ele não só faz o apelo para que revejam a situação de injustiça. Mais uma vez ele justifica seu pedido. Leva para a sua crônica a leveza que é típica do gênero textual apresentado. Ele comenta acerca do serviço prestado como sendo algo de grande importância e ressalta que a excelente eletricidade torna a cidade desenvolvida, que por si só, significa o que conceitua de progresso.

Naquele contexto – a partir da energia elétrica – as casas da cidade começaram a fazer uso de lâmpadas elétricas, o que certamente acarretou

mudanças no modo de viver das pessoas da área urbana. A noite já não era tão escura e algumas atividades sociais já podiam acontecer neste horário, um exemplo disso, foi o funcionamento do Cinema “Avenida”, citado na crônica anterior.

Há outros dois momentos em que o cronista chama a atenção das autoridades locais, no sentido de enaltecê-las, agradecendo por benfeitorias. Nesse caso, ele registra e tece comentários a fatos que ocorrem em âmbito municipal. Uma situação foi na área de educação quando ocorreu a convocação de duas professoras para lecionarem no Grupo Escolar Senador Guerra e, a outra em relação à nomeação de dois Senhores da área do direito para cargos na área da Segurança Pública. Vejamos:

O Dr José Augusto, benemérito governador deste Estado acaba de dotar além de outros importantes melhoramentos ao nosso querido Caicó, terra de seu berço, com a nomeação de mais duas inteligentes moças professoras, para o Grupo Escolar Senador Guerra”.

[...]

Parabéns a Caicó por mais esse novo melhoramento realizado pelo seu benemérito filho Dr José Augusto, de quem muito espera ainda, de quem muito confia no seu patriotismo, no seu amor ao velho torrão de seu berço. (ARAÚJO, 25.07.1926, [s. p.]).

Segundo informe do próprio Flor de Lis, *Jornal das Moças* (1926), as salas de aula estavam superlotadas, chegando a mais de 100 (cem) alunos por professor. Ressalta as melhorias na aprendizagem que acontecerá a partir desse ato, bem como, deixa em aberto que a população espera que o seu “benemérito” gestor faça mais por amor a sua terra, usando para tanto a situação de patriotismo do mesmo.

O que infere-se dessa narrativa é que o cronista se utiliza da própria leveza que cabe à crônica e cita que a qualidade de patriota de quem está no alto poder da política – governador do estado – faz com que um filho da terra perceba isso como “obrigação” para realizar benfeitorias ao seu lugar. Ou seja, ao mesmo tempo em que enaltece, também faz cobranças para que as benesses permaneçam acontecendo.

No âmbito da segurança pública, o autor se manifesta de forma semelhante:

Causaram nesta cidade, verdadeira alegria, magnífica impressão, excelente comentário, as nomeações do Sr Silvano Neto para o Superior Tribunal do Estado e a do Dr Manoel Benício Filho para chefiar o ingrato Departamento de Segurança Pública.

[...] Sua Excelência, o Presidente do Estado mereceu de todos os seus amigos, principalmente dos do Serido, onde o seu prestígio é real, o maior aplauso ao seu acto de justiça escolhendo figuras de perfeito merecimento para ocupar os mais importantes lugares. (ARAÚJO, 19.09.1926, [s. p.]).

Nesse contexto, há o enaltecimento não só dos sujeitos citados, seja nas referências que faz ao governo do Estado, seja em relação às nomeações de fato. No desenvolvimento do texto, seu autor ressalta a necessidade de um “*saneamento moral*” na representação dos departamentos do Estado. Reafirmando que ainda há muita gente digna, capaz e talentosa para ocupar postos de destaques. E justifica suas afirmativas enaltecendo a honra dos juizes nomeados, dizendo que não há sentenças que os abalem, que não há qualquer desrespeito nem desacato às suas condutas.

Uma informação em sua crônica que chama a atenção de quem realiza a análise, é o fato de que ao referir-se à “cidade” – “causaram nesta cidade” – não haver uma certeza a quem ele se refere de fato. A quem satisfazia a nomeação desses sujeitos tão dignos? Mesmo quando o próprio cronista dá sinais de onde fala quando mais a frente em seu texto, ele diz: “em todos os pontos das nossas costumeiras palestras ninguém jamais deixou de aplaudir o gesto nobre da administração fecunda do Dr. José Augusto”.

É possível perceber nesse contexto, um fio condutor que liga o José Gurgel, que se expressa através do Flor de Liz, ao seu lugar não apenas como espaço físico – geográfico – mas o lugar de onde se fala. Nesse sentido, Certeau (1983) nos auxilia nessa compreensão para que tenhamos clareza das narrativas a partir do lugar de produção de que trata o estudo. Seria do intelectual, do professor, do farmacêutico, do redator e/ou cronista de jornal ou de algum prestígio social que todos esses atributos lhes concedia?

Outra contribuição não menos importante para compreendermos as diversas narrativas e suas possibilidades de expressão através da crônica podem ser as ideias expressas por Alistair Thomson (1997) quando nos alerta para a questão de que em um trabalho com a memória, deve-se haver um cuidado para com a própria narrativa da história, pois as possibilidades de haver muitos significados ocultos são

iminentes, tendo em vista a possibilidade de somente se reconstituir um passado com o qual as pessoas sejam capazes de conviver, ou seja, a voz que ecoa vinda dos indivíduos está vinculada à sua subjetividade.

Havia, no entanto, outras questões acontecendo no âmbito do município que não passavam despercebidas aos olhos e ouvidos do cronista. Algumas delas são destaques em suas crônicas como da saúde, bem como questões relativas ao meio ambiente e cidadania.

Numa delas ele cita o apedrejamento às árvores por pessoas da comunidade, principalmente as frutíferas, atitudes que incluía a meninada e até adultos. Justifica o seu apelo argumentando a importância do oxigênio advindos delas e dos seus frutos que, segundo ele, eram saborosos. Faz uma crítica com muita ênfase chamando a meninada de inconsciente, vadia e ignorante.

O nosso presado companheiro de trabalho, Dr Homero Nobrega, publicou no “Seridoense” de que é um dos seus fulgurantes colaboradores, um excelente artigo a respeito do apedrejamento de que são victimas as nossas cajaraneiras pela meninada inconsciente, vadia e ignorante da nossa boa cidade.

[...]

A resposta é dolorosa para Caicó que espera que cada um dos culpados procure corrigir-se da impiedade praticada com as arvores que só oxygenio puro nos garante para as nossas trocas, que só fructos saborosos nos offerecem para o nosso deleite e que só pela sua funcção chlorophylliana teremos as nossas cidades purificadas.

(ARAÚJO, 23.05.1926, [s. p.]).

Além disso, chama a atenção acerca da sombra das árvores para a melhoria do ambiente, no sentido de diminuir o calor, num lugar onde o sol está exposto durante todo o dia. O estudo não visa criticar as formas como o cronista argumenta e se posiciona em relação ao apedrejamento das árvores pela meninada, bem como por pessoas adultas, porém, infere-se a partir de sua narrativa que há um imperativo para que sejam punidos, inclusive com cadeia. É claro, que o conteúdo do texto não esclarece em que nível as árvores foram danificadas e em que lei ou conceitos da área ambiental o autor se baseia para emitir tais falas.

Comumente, esse tipo de fato noticioso por um cronista não fica apenas no âmbito de quem leu a crônica – os letrados – mas espalha-se para toda a comunidade, haja vista, a narrativa carregada de tons de ameaça ou julgo de valor, conforme os princípios de quem as exprime. Para qualquer que leia ou que ouça tais

argumentos, compreende o conteúdo e o que ele enuncia, considerando que há uma leitura de mundo – mesmo incipiente – antecedendo a leitura decodificada da palavra.

Sua crônica além de realizar apelos à população em situações que ele considera necessária corrigir comportamentos, também tem a função de registrar os fatos ocorridos no cotidiano daquele lugar. Além disso, muitas delas apresentam no enredo de seu conteúdo, uma espécie de denúncia sobre uma temática pouco discutida na época, que era das condições ambientais para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

No que concerne à questão da saúde pública, através de sua crônica, o Flor de Liz registra

Vai morrer a ultima camada das moriçocas que vive importunando a nossa paciência e os nossos ouvidos! Não há de ficar vivo um martelinho dentro dos nossos potes!

[...]

Levemos o nosso aplauso a essa campanha admirável pelo nosso bem estar tratado com tanto carinho, com tanto trabalho e com tanto dinheiro! Procuremos amparar com a nossa franca solidariedade aos encarregados da Fundação Rockefeller que tanto se interessa pelo bem da humanidade. (ARAÚJO, 26.09.1926, [s. p.]).

É inegável a preocupação do cronista em relação aos cuidados com a saúde da comunidade. Ele cita a Fundação Rockefeller como promotora da Campanha, a quem leva seu aplauso e ainda expressa um desejo de que morram todas as muriçocas ou martelinhos que possam estar nos potes das casas.

Se por um lado, sua narrativa presta um serviço de utilidade pública, tendo em vista, tratar de uma situação que abrange todas as pessoas da comunidade, sem distinção de classe social, por outro, ela retrata um ambiente do seu tempo e de seu espaço como se apresenta.

Não há de ficar vivo um martelinho dentro dos nossos potes.

[...]

Portanto, tenhamos os nossos braços abertos para realizações dessa natureza que nos vem salvar dos maiores perigos, dos maiores sofrimentos e dos maiores dissabores. (ARAÚJO, 26.09.1926, [s. p.]).

O uso de potes para armazenar água era parte dos modos de vida das pessoas do período em que ainda não havia ocorrido a produção de eletrodomésticos, como a geladeira. Ou seja, o pote figura no tempo antes da implantação do processo de industrialização de onde nascem utilidades dessa natureza para a comodidade das famílias, objeto este que, por sua vez, se populariza com a chegada da energia elétrica das hidroelétricas.

No que se refere à “Campanha Mata-mosquito”, faz um alerta para que a população receba de braços abertos os representantes da Fundação que passam nas residências para tentar exterminar os martelinhos, o que demonstra uma situação de problemas de saúde pública vivenciada pela população da época.

Naquele contexto, já havia sido criado no Brasil em 1919 e, no ano de 1923, aceita a cooperação da Fundação Rockefeller no combate à febre amarela no Brasil. Era uma fundação americana, dos Estados Unidos e tinha como objetivo erradicar as doenças nas Américas, neste caso específico, a febre amarela que se espalhava pelo Brasil.

Segundo os dados no site da Fiocruz, em 1928 teve início no Rio de Janeiro uma epidemia de grandes proporções que durou dois anos e acabou com a crença de que a erradicação do mosquito *Aedes Aegypti*, transmissor da febre amarela, seria tarefa simples e que deveria ocorrer em todo o país, o incluía o Nordeste, beneficiando, assim, a população da cidade de Caicó. Pois não era necessário apenas combater a doença, mas também exterminar o causador dela, acabando o ciclo de vida dos mosquitos.

As informações acima citadas, demonstram a correlação descrita pelo cronista com a realidade vivida pelos munícipes quando veicula através de sua crônica algo considerado de grande importância para aquela população. Era um fato que estava relacionado com os acontecimentos que envolviam outras populações do país.

O que também é percebido no texto, é que não era a primeira vez que a campanha acontecia na cidade quando o cronista faz uso do termo *estamos novamente com a grande campanha dos senhores mata-mosquito*, como apelo para que as pessoas – donos e donas de casa – recebam os encarregados da campanha contra as moriçocas, justificando que seus martelos (nome dado as moriçocas ainda no estágio primário de vida) precisavam ser exterminados, *haja vista as epidemias de febre amarela que se espalhavam pelo país* (grifo meu).

Dessa forma, sua crônica “invadia” a vida das pessoas tanto de forma direta quanto indireta a quem o seu conteúdo conseguia alcançar, tanto pelas notícias que veiculava ou pelos registros que realizava acerca dos fatos ocorridos no âmbito do espaço urbano vivido não só por seu autor mas pelos habitantes daquele lugar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas expostas nesta pesquisa fazem parte da visão de um ponto, a do pesquisador, que em princípio baseia-se nos seus saberes e vivências, nas leituras conceituais, e que é norteado pela sensibilidade, intuição e experiências. Isto sugere o não exaurimento do estudo tanto no que se refere às crônicas quanto ao seu autor. Ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa surgiram outras indagações que não puderam ser respondidas, haja vista as limitações próprias do tipo de fonte estudada – as crônicas.

Nelas, estão a fala do sujeito – cronista – que é rica e apresenta uma visão polissêmica e valiosa e que, conseqüentemente, permite ao pesquisador uma variedade de interpretações, algumas difíceis de se perceber por não estar aparente – são os “não-ditos” da fala do autor e de seu contexto histórico e social. Há outros documentos como artigos de jornais que tratam da vida do José Gurgel e sua participação na vida social e estrutural da cidade, questões essas que não puderam fazer deste estudo pela amplitude e aprofundamento que gerariam, extrapolando o objetivo inicial. Daí, a percepção de que cabe aprofundamento e ampliação do objeto em questão no âmbito maior, o que certamente envolveria estudos acerca de espaço e temporalidade.

Por outro lado, a análise de conteúdo proporcionou diversos olhares no sentido de possibilitar conjecturas e discussões diversas. Sendo possível visualizar o contexto sobre o qual falavam as narrativas das crônicas, sobretudo em que lugar e tempo estavam submergidas, ou seja, o espaço da cidade, que era o urbano e ao mesmo tempo Sertão. Um sertão não só dos coronéis e dos oligarcas, nem tão somente lugar árido e pouco povoado, mas, sobretudo, um Sertão da diversidade e da pluralidade, um lugar com presença de pessoas. Seus dizeres ecoaram não só como instrumento pedagógico de seu autor, Flor de Liz (José Gurgel de Araújo), mas também nos fizeram caminhar por uma história do sertão e da urbanidade, ao mesmo tempo em que descrevia os aspectos cotidianos das pessoas e seus modos de vida.

O José Gurgel de Araújo, cujo pseudônimo Flor de Liz era usado para assinar as crônicas no *Jornal das Moças* (1926) buscou vivenciar e experienciar o espaço – a cidade de Caicó – considerado por ele como “torrão natal”. Nesse lugar ele nasceu e viveu sua infância. E não apenas por mérito mas pela oportunidade que seu

contexto familiar e social lhe proporcionou, estudou e ascendeu ao ensino superior mesmo tendo que se submeter ao processo de migração para cidades maiores onde eram ofertados cursos em nível de Faculdade. Ao retornar a cidade já com a formação de farmacêutico, não apenas realiza essa função com a implantação de sua Farmácia mas busca outras formas de socialização com as pessoas.

Um espaço que ao ser vivido e experienciado, vai-se constituindo lugar à medida que constrói-se pela pessoa uma relação de afeição e pertencimento, no sentido de valoração.

No que se refere às crônicas do Flor de Liz, como já citado no início deste trabalho, sua principal função era registrar o cotidiano da vida citadina, urbana, o que incluía o modo de vida das pessoas, seus dizeres, suas relações e muitas vezes seus saberes ou a falta deles.

Ao contar os fatos do dia a dia, ia descrevendo suas cores, suas mazelas, alguns dissabores, conquistas para a melhoria na vida em comunidade. Dessa forma, retratava também ambientes, suas relações com as pessoas e com o próprio lugar. Suas crônicas serviram de instrumentos para registrar fatos históricos, para solicitar serviços os quais eram prestados pelas autoridades locais ou para chamar a atenção das mesmas quando percebia que havia injustiça na prestação dos mesmos ao beneficiar pessoas e prejudicar outras. Também serviram para orientar as pessoas acerca de como elas deveriam se comportar no meio social ou em locais considerados por ele como sagrados.

Ainda, pode se perceber que os assuntos também se referiam ao atendimento de atos realizados pelas autoridades de Estado, elevando os melhores elogios e sempre justificando a necessidade da prestação dos serviços para o desenvolvimento e progresso da cidade que, segundo ele, era sempre um sinal de muito orgulho e admiração. Ora ele enaltecia os serviços públicos, pela nomeação de pessoas cujos serviços eram prestados à sociedade, ora ele orientava acerca dos procedimentos de como receber pessoas cuja função era cuidar da saúde pública.

Em suma, as narrativas do José Gurgel ecoaram naquele lugar como instrumento não apenas pedagógico mas de registro da cidade, das pessoas, de seus modos de vida, possibilitando, dessa forma, deixar à mostra um retrato do seu tempo e de seu espaço, os fatos corriqueiros, as experiências de seus moradores, seus modos de vida, os anseios e as dificuldades do dia a dia no viver em comunidade, um lugar para guardar memórias.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. Região, Sertão, Nação. **Revista Estudos Históricos Ponto de Vista**, v. 8, n. 15, p. 145-151, Rio de Janeiro, 1995.

ANDRADE, J. B. F. **Caicó**: crônicas de uma cidade. *In*: _____. **Caicó**: uma cidade entre a recusa e a sedução. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: UFRN/PPGH, 2007.

ARAÚJO, J. G. A Nota. **Jornal das Moças**. Caicó, 07.02.1926

_____. A Nota. **Jornal das Moças**. Caicó, 16.05.1926.

_____. A Nota. **Jornal das Moças**. Caicó, 23.05.1926.

_____. A Nota. **Jornal das Moças**. Caicó, 30.05.1926.

_____. A Nota. **Jornal das Moças**. Caicó, 06.06.1926.

_____. A Nota. **Jornal das Moças**. Caicó, 20.06.1926.

_____. A Nota. **Jornal das Moças**. Caicó, 11.07.1926.

_____. A Nota. **Jornal das Moças**. Caicó, 18.07.1926.

_____. A Nota. **Jornal das Moças**. Caicó, 25.07.1926.

_____. A Nota. **Jornal das Moças**. Caicó, 29.08.1926.

_____. A Nota. **Jornal das Moças**. Caicó, 19.09.1926.

_____. A Nota. **Jornal das Moças**. Caicó, 26.09.1926.

_____. A Nota. **Jornal das Moças**. Caicó, 31.10.1926.

_____. A Nota. **Jornal das Moças**. Caicó, 07.11.1926.

ARRUDA, G. **A memória social**. *In*: _____. **Cidades e Sertões: entre a história e a memória**. São Paulo: EDUSC, 2000.

CAMPOS, J. G. **Métodos de Análise de Conteúdo**: ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, 2004, p. 611-614.

CERTEAU, M. **A operação historiográfica**. *In*: _____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

- CHALHOUB, S. **A arte de alinhar histórias: a serie de “A+B” de Machado de Assis.** *In:* _____. (Org.). História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Unicamp, 2005.
- GOMES, A. C. **Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo.** *In:* _____. (Org.). Escrita de si, escrita da História. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- LUCA, T. R. **Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos.** *In:* PINSKY, C. B. (Org.). Fontes Históricas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- MORAIS, I. R. D. **Desvendando a cidade: Caicó em sua dinâmica espacial.** Natal, 1999.
- _____. **Seridó norte-riograndese: uma geografia da resistência.** Natal, 2005.
- MOUILLAUD, M. **O jornal: da forma ao sentido.** Brasília: UNB, 2012.
- NEVES, E. F. Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural. **Politeia: história e sociedade**, v. 3, n. 1, p. 153-162, Vitória da Conquista, 2003.
- NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** São Paulo: PUC/SP, 1993.
- OLIVEIRA, S. G. **Memórias de José Gurgel de Araújo no contexto de seu tempo: sua contribuição à educação.** Monografia (Graduação). Departamento de Estudos Sociais e Educacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Caicó/RN: UFRN, 2002.
- OLIVEIRA, L. B; SILVA, C. **A crônica como instrumento didático-pedagógico.** *In:* PARANÁ. Cadernos: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, v. 1 [*on-line*], 2014. Disponível em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde. Acesso em: 3 de nov. 2018.
- ROCHA NETO, M. P. **A educação da mulher norte-rio-grandense segundo Julia Medeiros (1920-1930).** Tese (Doutorado em Educação), Departamento de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, UFRN, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/14127?mode=full>. Acesso em: 3 de nov. 2018.
- ROCHA NETO, M. P; MORAIS, M. A. C. **Jornal das Moças (1926-1932): imprensa feminina no sertão potiguar.** *In:* XII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, Campina Grande/PB, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0421-1.pdf>. Acesso em: 3 de nov. 2018.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leituras.** 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

THOMSON, A. **Recompondo a memória**: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. São Paulo: [s. e.], 1997.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Eduel Campus Universitário, 2013.